

GUERRA, HONRA E CIÊNCIAS SOCIAIS

por João Bettencourt da Câmara*



1.

Heraclito, o Obscuro, escreveu (com toda a clareza) que “a guerra é o pai de todas as coisas, rei de todas as coisas”¹, que a uns faz deuses e a outros, homens; a alguns, escravos e a outros, livres. E assim honrou o bom juízo de Diógenes Laércio: “Por vezes, nos seus escritos, expressa-se com grande brilho e clareza; de modo que até o mais estúpido dos homens pode facilmente entendê-lo, e dele receber uma elevação da alma. E a sua concisão, e a dignidade do seu estilo são incomparáveis.”²

Todavia, tudo se passa como se O Taciturno tivesse aqui usado o seu estilo habitual que, segundo dizia, “não exprime nem esconde o pensamento, mas indica-o”³ – o que faz irresistivelmente lembrar que “o verdadeiro se indica a si próprio e ao falso”, no

¹ Fragmento 53, Diels, cit. por Léon Robin – *La pensée grecque et les origines de l'esprit scientifique* Paris: Albin Michel, 1973 [ed. orig.: 1923]), p. 98. As notas abaixo devem ser lidas em favor de estudantes e do público não necessariamente familiarizado com ideias e personagens que vão surgindo ao correr da pena.

² Diogenes Laertius – *Lives of Eminent Philosophers* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1925).

³ Fr. 92, 93, Diels, *cit.*, p. 95.

dizer de Spinoza, “mercador português” e outro grande proponente de um Uno que poderia não ser, necessariamente, Deus⁴.

* Professor, e Director do Centro de Estudos de Sociologia, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa.

Será possível determinar-se com exactidão o que quereria o Melancólico “indicar” com aquilo que tão bem exprime e mostra, no famoso aforismo sobre a guerra? Pergunta que só vale porque até os mais inteligentes dos homens tendem a ver – tal a força da reputação e do muito imaginar! – sombras e dúvidas, nos mais apolíneos pronunciamentos do Obscuro.

A primeira interpretação e a mais óbvia foi subscrita, entre muitos outros, por Morgenstern, um dos pais da Teoria dos Jogos: “Que ‘a guerra é o pai de todas as coisas’ tornou-se de novo verdade num sentido singularmente pervertido: os preparativos para a guerra são necessários para justificar o mais fundo desejo humano de conhecimento. A sociedade não apoia a investigação nem experiências imensamente dispendiosas com outro fundamento. A sociedade não aceita o desejo de conhecimento como legítimo, a menos que esteja ligado com a guerra.”⁵ Esta visão

⁴ Benedict de Spinoza - *A Theologico-Political Treatise and a Political Treatise*, Translated from the Latin, With an Introduction by R. H. M. Lewes, With a Bibliographical Note by Francesco Cordasco (New York: Dover Publications, s/d, mas 1951).

⁵ Oskar Morgenstern - *The Question of National Defense* (New York: Random House, 1959), p. 305. Como se sabe, Morgenstern é co-autor de um dos livros que mais influenciou o pensamento estratégico da segunda metade do século XX, especialmente nos Estados Unidos : John von Neumann e Oskar Morgenstern - *Theory of Games and Economic Behaviour* (Princeton: Princeton University Press, 1953 [ed. orig.: 1944]) – e não 1947, como supõe Anatol Rapoport, que define bem a teoria dos jogos como “(...) uma teoria de decisão racional em situações envolvendo conflitos de interesses entre dois ou mais actores independentes”, na sua notável introdução a Carl von Clausewitz - *On War* (Harmondsworth: Penguin Books, 1980 [ed. orig.: 1832]), pp. 11-80, a p. 69; cf. tb., n. 54, p. 422. Menos notável é a selecção de textos que faz e que, como mais de uma vez mostrou Howard, resulta em “sérias omissões e distorções do pensamento de Clausewitz.” Cf. a introdução de Michael Howard

das relações entre conhecimento e guerra, se é amarga, é também excessiva e quase caricatural, embora herdeira remota de von Clausewitz⁶ e (mais próxima, se bem que noutra registo) das atitudes dos darwinistas sociais do século XIX, como Gumplowicz⁷, Ratzenhofer⁸, ou von Treitschke⁹, para quem a guerra era madre de

e Peter Paret a *Clausewitz on War* (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1976) e Michael Howard – *Clausewitz* (Oxford: Oxford University Press, 1983, ou, ainda, a mais acessível reedição de 2002, *Clausewitz – A Very Short Introduction*, idem, p. 79).

⁶ Clausewitz não defendeu pontos de vista que se pudessem estritamente identificar com os dos darwinistas sociais, embora tivesse influenciado muitos deles. É todavia interessante notar-se que, no seu prefácio à tradução inglesa (1908) de *Vom Kriege*, o Coronel Maude o tivesse comparado a Darwin, dizendo: “O que Darwin ofereceu à Biologia em geral deu-o Clausewitz à História da Vida das Nações quase meio século antes, dado que ambos provaram a existência da mesma lei para cada caso, viz. ‘A sobrevivência dos mais aptos’ - não sendo os ‘mais aptos’, como há muito apontou Huxley, necessariamente identificáveis com os eticamente ‘melhores’.” Para os dois homens, os objectos dos seus estudos apresentavam-se “(...) nem morais nem imorais, tal como a fome, a doença ou outro fenómeno natural (...)” Cf. “Introduction by Col. F. N. Maude”, in *On War*, cit., pp. 83-89, a p. 83. De facto, a expressão “sobrevivência dos mais aptos” (“*survival of the fittest*”), deriva da “luta pela vida” (“*struggle for life*”) de Darwin, mas é de Spencer – e adoptada por Darwin só em 1868 e a instâncias de Wallace: onde mais uma vez se constata que as voltas da vida são, por vezes, misteriosas, imprevisíveis, deleitantes... Cf., e. g., a introdução de Hampton L. Carson a Charles Darwin – *The Origin of Species By Means of Natural Selection or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life* (New York: The Washington Square Press, Inc., 1963 [ed. orig.: 1859]), pp. XI-XVIII, a p. XVII; e, muito em especial, o segundo volume da melhor biógrafa de Darwin, Janet Browne – *Charles Darwin* (New York: Alfred A. Knopf, 2 vols., 1995, 2002); ou o seu mais ligeiro e acessível – *A Origem das Espécies de Charles Darwin* (Lisboa: Gradiva, 2008), p. 120.

⁷ Ludwig Gumplowicz (1838-1909) via a História como um processo de evolução social alimentado pelo conflito – entre interesses em competição no seio dos grupos, entre os próprios grupos, os Estados e as nações. À influência de Darwin devem somar-se as de Spencer e Gobineau, para melhor se entender a origem e sentido da teoria do conflito de Gumplowicz, a que também não terá sido alheia a sua origem social e a sua experiência directa nas lutas que marcaram a vida do Império Austro-Húngaro, onde nasceu. Cf. o seu *The Outlines of Sociology*, ed. with an Introduction and Notes by Irving L. Horowitz (New York: Paine-Whitman, 1963 [ed. orig., em Alemão: 1885]). Esta e outras notas simplificadas destinam-se, como já dito, a facultar aos estudantes e leitores não versados nestas matérias informações úteis a um melhor e mais exacto entendimento das referências e do próprio texto.

⁸ Gustav Ratzenhofer (1842-1904) criador do “monismo positivo”, foi Presidente do Supremo Tribunal Militar de Viena, culminando uma distinta carreira no exército austríaco. Além de textos dedicados a matérias militares e outras, deixou um tratado de Sociologia que teve uma considerável influência sobre Albion Small e, através deste, em alguns dos seus discípulos da chamada “Escola de Chicago”. Para ele as relações “naturais” entre os homens eram de “hostilidade absoluta”, só temperada pelas vantagens da cooperação mútua e alianças de parentesco, estendendo-se a tendência para o conflito aos Estados e às próprias civilizações. A sua influência contemporânea na sociologia do conflito é nula; mas cf., p. e., Robin M. Williams Jr. - “Sociology in America - The Experience of Two Centuries”, in Charles M. Bonjean *et al.* (eds.) - *Social Science in America - The First Two Hundred Years* (Austin and London: University of Texas Press, 1976), pp. 77-111, esp. p. 81, para o impacto de Ratzenhofer na sociologia americana da volta para o século XX.

⁹ A obra do historiador e influentíssimo professor Heinrich von Treitschke (1834-1896), filho de um oficial do exército, teve um poderoso impacto na Alemanha até à I Guerra Mundial, defendendo

múltiplas virtudes e, até, um bem ou necessidade social, estimulando a coesão e evitando a degenerescência, a mediocridade, e o baixo materialismo; neste sentido, como queria Renan, a guerra seria “uma das condições do progresso, a chicotada que evita que um país adormeça” ou como escrevia o Marechal de Campo von Moltke ao seu amigo Bluntschli, em 1880, “(...) uma parte necessária da ordenação dada por Deus ao mundo [o qual] sem a guerra (...) resvalaria dissolutamente para o materialismo.”¹⁰ Não é porém difícil entender-se a posição destes autores ou a de Morgenstern, nos contextos em que escreviam, nem se pretende aqui sugerir que os seus excessos não tenham parte de verdade.

Por exemplo, é fora de dúvida que, tecnicamente, o mais sofisticado avião civil não passa de um meio de transporte antiquado, quase obsoleto, se o compararmos com o mais sofisticado avião militar – e que, se este não existisse assim, muito mais primitivo seria aquele e por longo tempo; e é igualmente inegável que muitas tecnologias de uso doméstico, pessoal e corrente (desde o frigorífico, ao relógio de pulso em série, e à Internet, por exemplo) devem a sua concepção original a necessidades e objectivos definidos em sede militar. Ou seja, foi de facto na investigação e experimentação ligadas à guerra que muitos dos progressos científicos e tecnológicos de que hoje beneficiamos tiveram origem ou se aperfeiçoaram, difundindo-se depois pela “sociedade civil”. E (a favor de Morgenstern) é também provável que o mesmo continue a observar-se no futuro, tal como se verificou com o

ardentemente a unificação alemã e, depois, a necessidade de a Alemanha obter e conservar um império próprio, pela guerra, que teria um papel purificador. O exército deveria desempenhar também uma missão pedagógica, instilando noções de lealdade, abnegação e disciplina. A influência de Treitschke, hoje extinta, tem sido vista como uma das fontes inspiradoras do nacionalismo, anti-semitismo e autoritarismo nazis, que ele próprio teria muito provavelmente reprovado, na forma em que se vieram a manifestar. Cf. as suas lições, *Politics* (London: Harcourt, abridged ed., 1963 [orig.: 1897-1898]).

¹⁰ Cf. *ODQ* (London: Book Club Associates, 1979 [ed. orig.: 1941]), p. 354, 4. Quincy Wright - *A Study of War* (Chicago: University of Chicago Press, 1965 [ed. orig.: 1942]).

passado documentável mais remoto que, ele mesmo, só ficou nos anais, em boa parte, enquanto passado de guerra e de furor.

2.

Com efeito, pode dizer-se que o próprio registo escrito do passado europeu (e não só europeu), nos seus inícios, começou por ser a documentação de actividades agonísticas e guerreiras¹¹. “Como lembra Trindade Santos, citado por Gomes Filipe, a primeira palavra da literatura ocidental é a *cólera* com que abre a *Iliada* do divino Homero”¹² e as epopeias homéricas é de guerras e conflitos que partem e se alimentam. As investigações de Heródoto (c. 484-425 a. C.), o Pai da História, começam com uma guerra – a das conquistas de Creso, na Ásia Menor – e terminam noutra, contra os Persas¹³. E não faltam aí escritores guerreiros, que vão da história à poesia, de Tucídides a Xenofonte, de Xenofonte a Ésquilo, de Ésquilo a Políbio, ficando pelo meio – para não falar do depois, incluindo os dulcíssimos autores das *cantigas de amigo* e o “cedro desmedido da pequena floresta portuguesa”¹⁴ – uma imensa multidão de homens (e até mulheres, algumas), que não hesitavam em trocar a pena pela espada, quando tocava o clarim ou soava o olifante: a *História da Guerra*

¹¹ Parece ser neste sentido que Gaston Bouthoul nota que “(...) a mãe da história é a guerra; porque a história começou por ser apenas a história dos conflitos armados” – representando o “*apenas*” um perdoável excesso de expressão. Cf. Gaston Bouthoul – *O Fenómeno Guerra*, trad. de António Simões Neto (Lisboa: Estúdios Cor, 1966 [ed. orig.: 1951]), p. 10. Com efeito, a primeira edição não é a que a editora portuguesa menciona (*Le phénomène-guerre*), mas, também da Payot, Gaston Bouthoul – *Traité de Sociologie - Les Guerres - Éléments de Polémologie* (Paris: Payot, 1951).

¹² João Bettencourt da Câmara – “A Competição em Nietzsche ou o *Agôn* das Ideias”, in *Res-Publica*, Nos. 3-4, 2006, de que existem edições digitais, no sítio da revista e, também, em www.adelinotorres.com, secção “Sociologia”.

¹³ Herodotus – *A New and Literal Version*, from the Text of Baher, by Henry Cary (London: Henry G. Bohn, 1849). Trata-se da famosa tradução Cary. Mais acessível e também de grande qualidade: Herodotus – *The Histories*, trad. Sélincourt, rev. por A. R. Burn (Harmondsworth: Penguin Books, 1976 [revisão da ed. de 1954]).

¹⁴ Evidentemente, o Camões de Miguel Torga, nos *Poemas Ibéricos*.

do Peloponeso, de Tucídides (c. 460-c. 400 a. C.), que descreve a peleja entre Esparta e Atenas, é cronologicamente quase uma seqüela das *Histórias* de Heródoto – e história escrita por um *strategos* (no caso, um almirante) envolvido directamente em parte da acção¹⁵; Platão (c. 427-347 a. C.), que também participou na Guerra do Peloponeso, foi conselheiro de Príncipes; Aristóteles (384-322 a. C.), diz-se, de Alexandre Magno; a *Anabase* de Xenofonte (c. 435- 354 a. C.) é quase um diário de campanha da Retirada dos Dez Mil, composta por um civil a quem a roda da Fortuna deu o comando de tropas mercenárias gregas, lutando pelo regresso à pátria¹⁶; a *História* de Políbio (c. 200-118 a. C.) – autor de uma *Estratégia* hoje perdida – quase se confunde com as das Guerras Púnicas, na última das quais participou (a pedido do próprio Cipião, de quem fora preceptor, o que lhe deu assistir à devastação de Cartago)¹⁷; e a lista não tem fim, especialmente se nela se incluir a produção literária e outra em que a guerra é o fenómeno central, quer em veia trágica, como em *Ésquilo*¹⁸, que combateu em Maratona e Salamina, quer em veia satírica, como nas três fases do inimitável Aristófanes, autor também da *Paz*...

¹⁵ Thucydides – *The Peloponnesian War*, trad. por Rex Warner, com introdução e notas do excelente M. I. Finley (Harmondsworth: Penguin Books, 1977). De facto, Tucídides comandava uma esquadra que, em certo passo da contenda, não pôde chegar a tempo de socorrer uma cidade ateniense assediada pelos espartanos, o que forçou o almirante à demissão, dando-lhe mais tempo, como ele próprio diz, com estóica e incomparável frieza, para observar a guerra, a partir das propriedades que tinha no Peloponeso (*idem*, V, 26, *in fine*, p. 364). Escusado será dizer que este gélido Tucídides é o mesmo que nos deixou o ardente *Discurso de Péricles*, de que é o verdadeiro autor; mas eis um tema que valeria toda uma conversa, à parte.

¹⁶ Xenophon - *Anabasis*, trad. por Rex Warner com introdução e notas de George Cawkwell (Harmondsworth: Penguin Books, 1972). O próprio Xenofonte descreve como passou de uma vida de aristocrático convívio intelectual, a observador interessado da expedição mercenária à Pérsia e, depois, mortos os chefes militares, ao comando da retirada.

¹⁷ Polybius - *The Rise of the Roman Empire*, trad. por Ian Scott-Kilvert, sel. e introdução de F. W. Walbank (London: Penguin Books, 1979). Trazido como refém aqueu para Roma, Políbio aproveitou os longos anos de exílio para investigar as guerras púnicas, chegando a reconstituir o itinerário da campanha de Aníbal, de que ainda encontrou vestígios materiais. Dado que refere ter ido até ao “oceano exterior”, passou certamente em Portugal...

¹⁸ *Ésquilo* (c. 525-456), aliás, combateu em Maratona e em Salamina, o que ajudará a explicar o avassalador realismo com que descreve situações de combate, p. e., em *Os Persas* (Lisboa: Editorial Inquérito, s/d.). Cf. a introdução de Eric A. Havelock a Aeschylus - *The Seven Against Thebes*, trad. e

De resto, basta pensar-se na História da Literatura e da Arte, nos monumentos e nomes de ruas que nos rodeiam, na pintura, na escultura, na música, na gravura, ou mesmo na filmografia contemporânea para se avaliar do lugar, fascínio e centralidade de Marte e do conflito armado (para não falar da pura violência), no nosso imaginário colectivo. Nunca faltando à guerra quem lhe louvasse as virtudes, como Nietzsche, esse discípulo do Obscuro¹⁹, nem quem nela relevasse o elemento “estético”, como, entre nós, o saudoso (e audacíssimo) Carlos Eduardo de Soveral²⁰. O último capítulo da *Guerra e Paz* de Tolstoy, por exemplo, é o traçar de uma verdadeira filosofia da guerra; e boa parte dos filmes mais famosos ou emblemáticos, mesmo antes de *E Tudo o Vento Levou* (*Gone with the Wind*), têm por pano de fundo ou por motivo eleito, a guerra. – E que dizer de jogos, como o xadrez²¹ ou o futebol²², ou as lúdicas ciberproduções da actualidade²³?

comentário de Christopher M. Dawson (Englewood Cliffs, N. J.: Prentice- Hall, Inc., 1970), pp. xiii-xxiii, a p. xvi.

¹⁹ Friedrich Nietzsche – *A Competição em Nietzsche (Seleção de textos de Nietzsche sobre [o] agôn)*, Introdução, tradução e notas de Rafael Gomes Filipe (Lisboa: Vega, 2004). Belíssimos textos do Professor Gomes Filipe, tanto introdutórios, como na estética da tradução.

²⁰ Carlos Eduardo de Soveral – *Temas Gerais da Guerra* (Porto: Edições Despertar, 1971) e, até, no seu “Proémio” a Maquiavel e Frederico – *O Príncipe – O Anti-Maquiavel* (Lisboa: Guimarães, 1955), pp. 12, *passim*.

²¹ Sobre a questão da origem do xadrez, veja-se, por exemplo, João Bettencourt da Câmara – *Saussure, Chess and Time – The Role of an Analogy in a Scientific Revolution* (Lisboa: ISCSP, 1995), pp. 96-99, incluindo a presença do xadrez em João de Barros, desde a *Gramática às Décadas de Ásia*.

²² A literatura sociológica sobre o futebol é imensa. Mas, veja-se em particular os escritos de Eric Dunning, da “Escola Norbertiana”: (com o prório) Norbert Elias e Eric Dunning – *Quest for Excitement – Sport and Leisure in the Civilizing Process* (Oxford: Blackwell, 1994); Eric Dunning – *Football on Trial – Spectator Violence and Developments in the Football World* (London: Routledge, 1990), *Fighting Fans – Football Hooliganism as a World Phenomenon* (Dublin: University College Dublin Press, 2002), etc.. O director da U. C. Dublin Press, o Professor Stephen Menell, ele próprio um “norbertiano”, também aludiu ao fenómeno, p. e., em “The Third Industrial Revolution: Some Cultural Problems”, in João Bettencourt da Câmara (org.) – *Portugal Face à III Revolução Industrial* (Lisboa: ISCSP, 1986), esp. pp. 269-270. Recorde-se, por fim, o famoso livro do biólogo e etologista Desmond Morris – *The Soccer Tribe* (London: Jonathan Cape, 1981).

²³ Veja-se, p. e., para a envolvente, o ensaio do Professor Hermínio Martins – “Tecnociência e Arte”, in Carlos Leone (org.) – *Rumo ao Cibermundo?* (Oeiras: Celta, 2000), pp. 11-35.

Se nos voltarmos para o campo das ciências experimentais, a que se referia Morgenstern, o panorama não parece muito diferente: torna-se difícil imaginar Arquimedes, Leonardo, Nobel ou Oppenheimer, sem se conjurarem imagens de conflito, que vão das guerras locais às guerras totais e destas ao potencial para a destruição deliberada de toda a vida humana à escala planetária – uma das novidades absolutas, e porventura a de maior ressonância existencial, do século XX²⁴, já que o XXI promete somar à possível extinção da espécie, a encantadora alternativa de futuros pós-humanos, biologicamente engenheirados, maquínicos, ou algures por aí, entre ambos...²⁵

3

Mas há outras interpretações de Heraclito que abrem alternativas e se opõem ao que ficou dito em favor da posição de Morgenstern. Este, com efeito, ao citar avulso em favor da sua tese, ignora não um, mas o aspecto fundamental do pensamento do “filósofo das lágrimas”. Na verdade, o que interessava Heraclito não era essencialmente a guerra mas o conflito, entendido como um processo de luta entre contrários de onde tudo nasceria e que tudo tornava transitório²⁶: no caso, tanto a guerra como a paz. “Deus [o Uno de Heraclito] é dia e noite, Inverno e Verão, guerra

²⁴ Novidade abundantemente documentada por John Cox - *Overkill - The Story of Modern Weapons*, With prefaces by Professors Joseph Rotblat [1976] and Michael Pentz [1981] (Harmondsworth: Penguin Books, revised, expanded and updated, 1981 [ed. orig.: 1977]).

²⁵ Cf. Hermínio Martins – *Hegel, Texas e outros Ensaios de Teoria Social*, Prefácio de João Bettencourt da Câmara (Lisboa: Século XXI, 1996) e outros notáveis escritos do mesmo Autor, recenseados em herminiomartins.com.

²⁶ Léon Robin, *cit.*, pp. 95, sgts.; Alberto Rivaud – *As Grandes Correntes do Pensamento Antigo*, trad. de António Pinto de Carvalho, rev. por Alberto Martins de Carvalho (Coimbra: Arménio Amado - Editor Sucessor), pp. 38, sgts..

e paz, abundância e fome; (...).²⁷ Neste sentido, para Heraclito, a guerra também seria a mãe da paz, tal como no adágio “*Se queres a paz, prepara-te para a guerra*” – adágio refundido pelo “pacifismo científico” de Gaston Bouthoul e outros, na fórmula: “*Se queres a paz, estuda a guerra*”²⁸, o que, afinal, não deixa de reflectir também uma forma, e nada despicienda, de “preparação”: o estudo e investigação das causas, natureza e requisitos do “fenómeno guerra”, incluindo naturalmente as actividades e instituições militares: para que a paz não saia necessariamente da boca das espingardas, como queria o honorável avozinho Mao, no celebrado *Livrinho Vermelho* ou nos *Escritos Militares*²⁹.

O Professor Adriano Moreira abre um dos notáveis ensaios de *Ideologias Políticas*, observando que “a guerra é uma forma de relação entre os povos que nunca pôde ser abandonada”³⁰, tema a que regressa na *Teoria das Relações Internacionais*³¹, quando aí diz que não se “conhece nenhum período da história da Humanidade em que a guerra tenha estado ausente”. O que é sem dúvida verdade, sendo a guerra, como escreve o Professor Stanislav Andreski, “talvez o mais trágico aspecto da vida social” e, acrescenta, omnipresente, sem que isso signifique a desaparecimento de outros “processos sócio-culturais”, ou da “solidariedade, compaixão, união mística,

²⁷ Cit. in Bertrand Russell – *History of Western Philosophy and its Connection with Political and Social Circumstances from the Earliest Times to the Present Day* (London / Boston / Sidney: George Allen & Unwin, 1979 [1ª ed. ingl: 1946]), p. 62. Embora a importância da guerra não possa ser subestimada em Heraclito: “Homero errava ao dizer: ‘Quem dera que o conflito desaparecesse de entre os deuses e os homens!’ Não via que estava a rezar pela destruição do universo; porque, se a sua oração fosse ouvida, todas as coisas morreriam. (...) Devemos saber que a guerra é comum a tudo e que o conflito é justiça, e que todas as coisas nascem e morrem pelo conflito.” Cit. por Russell, *op. cit.*, p. 60.

²⁸ Bouthoul, *O Fenómeno Guerra*, *op. cit.*, p. 26. Bouthoul, com admirável coragem académica, chegou a prever uma III Guerra Mundial para cerca de 1967, altura em que o *stock* demográfico ocidental, delapidado pela II, estaria reposto; é ele próprio que o lembra, estudando os factores que frustraram a sua previsão.

²⁹ Mao Tse-Tung – *Selected Military Writings* (Beijing: Foreign Languages Press, 1966).

³⁰ Adriano Moreira – “Fronteiras Ideológicas”, in *Ideologias Políticas* (Lisboa: ISCSPU, [1963-1964]), p. 147.

³¹ Cf. n. 38, infra.

criatividade artística, etc.”³². Mas Andreski, um dos mais sérios (e severos) sociólogos contemporâneos faz também notar que, em qualquer dado momento, a percentagem da população do planeta envolvida em guerra nunca terá excedido os dois por cento³³ – o que, julgo, contribui para sublinhar a fronteira e a especialização da actividade bélica, mas, ao mesmo tempo, o seu extraordinário alcance e capacidade de projecção em todos os planos da vida social, materiais e não-materiais.

Por outro lado, Morgenstern poderia ter-se poupado ao seu próprio e manifesto excesso, lendo, por exemplo, o ensaio do (futuramente) grande Merton sobre as inter-relações da ciência com a “técnica militar”, em que, após demonstração, concluía assim: “a investigação científica avança frequentemente segundo linhas largamente independentes de forças sociais, uma vez tornados evidentes os problemas de partida e, assim, muita da investigação pode estar relacionada apenas em ténue grau com desenvolvimentos militares ou económicos. (...) a ciência desenvolve um *corpus* de investigação autónomo que tem na origem considerações estritamente científicas, e não utilitárias. São esses desenvolvimentos (que provavelmente constituem a maior parte da ciência) derivados da autonomia relativa do trabalho científico que parecem ter pouca ou nenhuma conexão com forças sociais”³⁴.

³² Stanislav Andreski – *Military Organization and Society*, With a Foreword by A. R. Radcliffe-Brown (London: Routledge & Kegan Paul, 1968 [orig.: 1954]), pp. 2 e 8. De resto, o primeiro capítulo do livro intitula-se precisamente “Omnipresence of Struggle” (cf. p. 7).

³³ Andreski que, ele próprio participou na II Guerra Mundial (como piloto da RAF, creio), usa o conceito de “rácio militar de participação” (M.P.R.), que diz respeito à “proporção de indivíduos militarmente utilizados na população total” (p. 33, onde introduz a distinção entre M.P.R. *efectivo* e M.P.R. *ótimo*).

³⁴ MERTON, Robert K. – “Interactions of Science and Military Technique”, in Robert K. Merton – *The Sociology of Science – Theoretical and Empirical Investigations*, Edited and with an Introduction by Norman W. Storer (Chicago: The University of Chicago Press, 1974 [orig.: 1973]), pp. 208-209. Tratando-se de um ensaio de 1935, estava ao alcance de Morgenstern e, de resto, pode ser lido como uma antecipação do doutoramento de Robert K. Merton – *Science, Technology & Society in Seventeenth Century England* (New York: Howard Fertig, 1970 [orig. 1938]), que também teria aproveitado a Morgenstern. (E vale aqui um aparte sobre o uso de “autonomia relativa” por Merton,

Finalmente, sempre *pace* Morgenstern, convém ter presente que a guerra pode também engendrar efeitos vastamente regressivos, historicamente ilustrados pela repetida destruição de civilizações avançadas e a entrada em longas noites de aparente torpor científico e tecnológico. Sabe-se como Einstein, interrogado sobre o futuro, dizia não saber como seria a III Guerra Mundial, mas que tinha a certeza de que a quarta seria disputada com pedras e mocos (“*with stones and clubs*”)³⁵ – sugerindo assim o imenso potencial destruidor já existente no seu tempo e que entretanto cresceu e se diversificou desmesuradamente, garantindo que essa terceira “guerra mundial”, se fosse como Einstein a imaginava e se poupasse alguns, de golpe os levaria às cavernas e às delícias da reinvenção do fogo (o elemento primeiro de Heraclito) e da pedra lascada (o centro da sinistra metáfora pacifista).

Foi neste sentido que Rotblat definiu a *sobrematança* (*overkill*) como esse “louco estado de coisas (...) em que os arsenais de armas nucleares são mais do que suficientes para destruir todos os seres humanos da Terra” e distinguiu entre as duas corridas aos armamentos que contribuiriam cada vez mais para o risco de conflitos nucleares: a *vertical*, envolvendo um aperfeiçoamento constante do potencial destrutivo dos armamentos por parte das superpotências e a *horizontal*, traduzida no facto de um número cada vez maior de países adquirirem a capacidade de produzir armas nucleares ou de as obterem de outro modo.³⁶ E não mencionava aqui quer a dispersão de tais armas por mãos que não pertencem a qualquer Estado, nem as

em 1935, atendendo aos rios de tinta que faria correr trinta anos depois, a partir de Althusser, de ambos os lados do Atlântico e, na verdade, por todo o planeta...).

³⁵ Cf. João Bettencourt da Câmara – *Análise Estrutural Contemporânea...* (Lisboa: ISCSP, 1993), n. 202, p. 379; e João Bettencourt da Câmara – *Sobre o Processo de Produção de Conhecimentos nas Ciências Sociais: Sua Estrutura, Características e Potencialidades* (Maputo: UEM, 1977), pp. 42 sgts., e n. 99, p. 76.

³⁶ Cf. prefácio a John Cox - *Overkill, cit.*, p. 11.

consequências de vectores biológicos ou outros, ciber-letais. Mais optimista, Robert L. O’Connell, escrevendo nas (para ele) insuspeitadas vésperas da queda do Muro de Berlim, considerava que “ao nível da interacção entre as superpotências, há apenas um ligeiro exagero em afirmar que a guerra só pode ocorrer por acidente ou por loucura.”³⁷ Tanto O’Connell como Rotblat, Pentz e John Cox pensavam ainda para um mundo assente sobre o “equilíbrio do terror”. De então para cá e em certa medida, os riscos mudaram de natureza, surgiram novas e, sobretudo, mais aleatórias, ameaças que, como temos experimentado na pele e na imaginação, são por isso mesmo crescentemente inquietantes.³⁸

Perante o papel histórico e motor da guerra e nestas circunstâncias de alarme existencial, é de perguntar como vai o conhecimento dela, a começar pela sua definição – matéria que nos levaria longe e muito para lá dos interesses presentes. O que não pode passar inteiramente em branco, contudo, é o papel dos cientistas sociais neste domínio, dada a natureza do livro do Doutor David Rosado e o que efectivamente se verificou: McNamara já tinha notado que se a I Guerra Mundial foi a guerra dos químicos, e a II Guerra Mundial a guerra dos físicos, poderia bem acontecer que a III viesse a ser a dos cientistas sociais³⁹. Ora, penso, a III Guerra Mundial já aconteceu, sob a curiosa designação de *Guerra Fria*, sendo efectivamente, em larga medida, uma guerra dos cientistas sociais.

³⁷ Robert L. O’Connell - *História da Guerra - Armas e Homens: Uma história da guerra, do armamento e da agressão*, trad. de Telma Costa (Lisboa: Teorema, 1995 [ed. orig.: 1989]), p. 9.

³⁸ Ver, sobre a reconfiguração recente dos equilíbrios de forças e suas consequências potenciais, Adriano Moreira - *Teoria das Relações Internacionais*, cit., bem como os escritos posteriores do mesmo Autor, e Vários - *Conjuntura Internacional - 1996* (Lisboa: ISCSP, Dezembro de 1996), especialmente, neste contexto, “Da Defesa à Segurança na Ordem Internacional”, pelo Prof. Vice-Almirante António Sacchetti (*idem*, pp. 25-41). Veja-se, também, noutro plano, Jared M. Diamond – *Guns, Germs, and Steel – The Fates of Human Societies* (New York: W. W. Norton & Company, 1999).

³⁹ Cf. João Bettencourt da Câmara – *Análise Estrutural Contemporânea...*, cit., n. 202, p. 379.

4.

Designação curiosa, porque essa guerra só foi *fria* para quem não a experimentou na pele, no horror, nos haveres, no trauma das memórias, no lembrete perene das mutilações vivas: uma guerra de guerras, desencadeadas, apoiadas e geridas por influência ou procuração das grandes (e não tão grandes) potências em convergência com interesses mais ou menos volúveis e locais, uma guerra que, ao longo de quase cinquenta anos, directa e indirectamente, produziu mais mortes, maiores destruições e em mais amplas áreas do que as duas “Guerras Mundiais” combinadas. Mas com diferenças decisivas, face ao etnocentrismo dos Autores do Norte⁴⁰, à má consciência dos seus Aliados do Sul e, por fim, às novas formas que tomou face aos conflitos precedentes: com efeito, desenvolveu-se no Outro Hemisfério, em formas geralmente não convencionais⁴¹ - apesar de o “não convencional” de ontem ter sido a “convenção” da *Guerra Fria* -, e envolvendo populações com um estatuto que parece etnocentricamente insusceptível de ascender ao patamar das *Grandes Guerras*, por muito que sofram, por muito que as torturem, por muito que morram.

⁴⁰ Etnocentrismo geralmente inconsciente, de que é bom exemplo o tom e argumentos do famoso livro do General Sir John Hackett – *The Third World War (A Future History)* (London: Macmillan, 1978), em que (simplificando) o autor estabelece o cenário de uma guerra que começa e escala na Europa, para terminar com a desagregação étnica da retaguarda soviética.

⁴¹ Se bem que, por exemplo, a batalha de Dien Bien Phu ou a tomada final de Saigão em pouco ou nada se distingam dos protocolos das guerras convencionais. Apesar da multidão dos escritos do próprio e sobre o próprio, continua por fazer a biografia pessoal e intelectual que o general Giap, mestre da guerra convencional e de guerrilha, bastamente merece. Entretanto, contentemo-nos com John Colvin – *Volcano Under Snow - Vietnam's Celebrated General Giap, Victor at Dien Bien Phu and Mastermind of the Tet Offensive* (London: Soho Press, 1996), ou Cecil B. Currey – *Victory at Any Cost: The Genius of Vietnam's General Vo Nguyen Giap* (Herndon, Virginia: Potomac Books, 1996). Sobre Dien Bien Phu, ainda merece muito a pena ler Jules Roy – *La Bataille de Dien Bien Phu* (Paris: Livres de Poche, 1972) e, mais recentemente, Howard R. Simpson – *Dien Bien Phu: The Epic Battle America Forgot* (Herndon, Virginia: Potomac Books, 1996), para além dos escritos do próprio General Vo Nguyen Giap, incluindo os que dedicou a Dien Bien Phu, e (para abreviar) representados em – *Selected Writings* (Hanoi: Foreign Languages Publishing House, 1977). Sobre o terrorismo em geral e sobre a guerrilha urbana, a literatura é hoje copiosíssima, o que não fará esquecer o livro pioneiro de Martin Oppenheimer – *Urban Guerrilla* (Harmondsworth: Penguin Books, 1970 [orig.: 1969]), que tem por pano de fundo os Estados Unidos.

Designação curiosa, também, por ser pacificamente adoptada – num lancinante e extraordinário tributo ao poder das palavras – pelas próprias vítimas, ou melhor, pela generalidade dos que, no plano do discurso e das ideias, dizem representá-las. Fenómeno que acha paralelos no plano regional, como no caso da repetida ideia de que o 25 de Abril foi uma revolução pacífica e sem sangue, o que é certamente verdade para Portugal (salvo as – estatisticamente – insignificantes excepções), mas que ignora o bruto facto de à mesma pacífica revolução e em objectiva consequência dela, se terem seguido mais mortes e misérias em Angola, Guiné e Moçambique, do que em toda a “Guerra de África” (para usar a supostamente asséptica expressão) e, na verdade, em toda a história da colonização portuguesa, incluindo o tráfico de escravos... Os números aí estão para o demonstrar, o que em nada tem afectado o discurso oficial e as percepções correntes sobre a matéria, em ambos os lados das novas e etnocêntricas fronteiras das imaginações, interesses e mitos nacionais. Cá e Lá – note-se.

Ora, um dos traços da Guerra Fria foi ter reforçado o *papel operacional* dos cientistas sociais e dos instrumentos produzidos pelos seus labores. É certo que, desde a I Guerra Mundial, aqueles já tinham uma importante presença no recrutamento, selecção, treino, avaliação e adequação do pessoal militar, bem como em acções de persuasão, propaganda e contra-propaganda, para não referir uma miríade de outros ensejos vitais para o esforço bélico⁴². Mas nunca como na Guerra Fria e seus

⁴² Por ilustração, os volumes do *The American Soldier* (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 4 vols., 1950 [orig.: 1949]). Para as condições em que os volumes foram produzidos, veja-se o vol. I, por Samuel A. Stouffer *et al*, pp. vii-ix e 1-53; mais genérico, p. e., Leon Bramson e George W. Goethals (eds.) – *War – Studies from Psychology, Sociology, Anthropology* (New York / London: Basic Books, Revised and enlarged edition, 1968 [orig.: 1964]).

sucedâneos foi tão praticado, de maneira científica e sistemática, o combate pelos espíritos e adesão das populações, nas frentes e retaguardas, e nunca como então (e até ao presente) se desenvolveram tantos e tão sistemáticos projectos e aplicações, envolvendo cientistas sociais no esforço militar. Não se fala aqui apenas da guerra de guerrilha, em que, para lembrar a máxima do bom Mao (sendo “bom Mao” paradoxo não só da homofonia!), o guerrilheiro deve mover-se entre a população como peixe na água – donde decorre que, das NT (Nossas Tropas), se deve esperar objectivo idêntico, ou que deixem o IN (Inimigo) em seco, confinando-o a zonas inabitadas⁴³ ou ao convívio com populações hostis, mercê normalmente de acções concebidas por cientistas sociais, em sede designadamente de teoria da persuasão e técnicas de desenvolvimento comunitário⁴⁴.

Noutra linha, e para um caso emblemático da colaboração entre cientistas sociais e forças armadas, lembre-se o Projecto Camelot, desenvolvido no seio do Special Operations Research Office do Ministério da Defesa norte-americano, a partir de 1957 e que, como já tive ocasião de escrever noutro sítio, envolvia “grandes riscos, mas também grandes compensações” e visava medir o “potencial de conflito” em países estrangeiros, estudando os meios de prever conflitos internos ou a probabilidade da sua ocorrência, procurando ao mesmo tempo estabelecer regras para uma reacção

⁴³ Em casos excepcionais, por extraordinários erros de planeamento e força das circunstâncias, é a própria guerrilha que inicia actividades em zonas ermas, com os desastrosos resultados que seriam de esperar, como no espectacular caso do Che. Che Guevara – *The Diary of Che Guevara* (London: Bantam Books, 1968); e Régis Debray – *La guerrilla du Che* (Paris: Seuil, 1974), livro de um admirador que (assim e involuntariamente) mais sublinha o penoso caricato da “guerrilha do Che” que, após cerca de três semanas sem ver viva alma, já meia morta de fome e sede, acha finalmente um boliviano que, não por acaso, é um agente da polícia secreta que a leva direita à emboscada final! É curioso que tão inepto guerrilheiro tenha alcançado tão vasta fama... – enquanto o génio militar de um Giap continue, como se disse, à espera de estudo à altura que merece.

⁴⁴ Especialmente nos dois últimos capítulos, Schumacher ilustra bem estas técnicas: E. F. Schumacher – *Small is Beautiful: A Study of Economics as if People Mattered* (London: Abacus, 1975).

atempada do Exército⁴⁵. Seleccionadas oitocentas hipóteses diferentes sobre a guerra interna, por uma ampla e multidisciplinar equipa de cientistas sociais, e verificada a sua validade através de estudos históricos e empíricos, proceder-se-ia à construção de modelos, a partir dos quais se identificariam “indicadores de potencial interno de conflito”. O que, naturalmente, implicava vasta recolha e tratamento das informações captadas em vários países, a serem aplicadas no âmbito do planeamento estratégico⁴⁶. O facto de o Projecto, que não era secreto e era internacional, ter sido denunciado como um instrumento do imperialismo americano e abortado por força da opinião pública e organizações representativas dos cientistas sociais, norte e sul-americanos, não impede ver a extensão e natureza das contribuições em mente, que abrangiam também, no âmbito do S.O.R.O., a guerra psicológica e a contra-guerrilha⁴⁷.

5.

Em suma e abreviando, parece fora de dúvida que o papel dos cientistas sociais nas forças armadas tem vindo a tornar-se cada vez maior e mais diversificado, à medida que a guerra e as próprias organizações militares respondem às mudáveis condições dos tempos, modos e lugares. O que nos faz regressar a Heraclito, quando dizia que “Deus é dia e noite, Inverno e Verão, guerra e paz, abundância e fome; (...)”, e a Gaston Bouthoul (1896-1980) – “se queres a paz *estuda* a guerra” – o qual, tendo fundado o Instituto Francês de Polemologia, cuja revista foi baptizada precisamente

⁴⁵ Cf. João Bettencourt da Câmara – *Análise Estrutural Contemporânea*, cit., p. 375. As citações entre aspas vêm do indispensável livro publicado pelo director do Projecto Camelot, após este ter sido desmantelado: Seymour J. Deitchman – *The Best-Laid Schemes – A Tale of Social Research and Bureaucracy* (Cambridge, Mass. and London: The M.I.T. Press, 1976), p. 139.

⁴⁶ *Idem*, pp. 375-376; e Deitchman, *idem*, pp. 141-144.

⁴⁷ Para as circunstâncias que rodearam a ascensão e queda do Projecto Camelot e para as questões éticas e deontológicas que suscitou, quanto à colaboração entre cientistas sociais e forças armadas, cf. João Bettencourt da Câmara, *idem*, pp. 375-381; o já citado livro de Deitchman; e, para ácidas críticas, Irving L. Horowitz – *The Rise and Fall of Project Camelot* (Cambridge, Mass.: M.I.T. Press, 1967).

como *Guerres et Paix*, depressa achou a sua contraparte na Irenologia, professada num Departamento de Estudos para a Paz, por Johan Galtung, que calha ser o sociólogo norueguês que primeiro denunciou o Projecto Camelot, no Chile, desencadeando a onda de protestos que viria a ditar o seu abandono...

Guerra e Paz, precisamente por serem dois recíprocos, são conceptualmente inseparáveis e funcionalmente interdependentes: cada uma, no sentido de Heraclito, “indica” e prepara a outra. A guerra indica e prepara a paz e, por sua vez, a paz indica e prepara a guerra – nem que seja como hipótese abstracta, ou como puro objecto de conhecimento.

A conjunção de estes e outros factores – a perenidade da guerra, a sua importância crucial para o bem-estar (ou falta dele), a sua complexidade crescente, as mudanças conjunturais da sua natureza, a globalização, etc. – veio a reflectir-se numa formação cada vez mais especializada, onde – olhe-se para os *curricula* das academias militares, pela Europa e por esse mundo fora – as ciências sociais têm vindo a ganhar uma presença cada vez maior (se bem que mais modesta nas instituições de ensino militar portuguesas), como convém às reformulações do conceito de Defesa Nacional.

Em Portugal que, não estando em guerra, procura honrar as suas alianças e afinidades e contribuir para a tranquilidade do mundo – não paradoxalmente, como se viu, também pela via das armas, em missões de paz e outras – a profissionalização das organizações e quadros militares acentua e formaliza as continuidades modernas de um trajecto que em muito precede a fundação do reino.

Se a Sociologia Militar já tem um passado venerável, nas múltiplas vertentes em que “estuda a guerra”, as organizações, o pessoal e as actividades militares, é uma especialidade relativamente nova no meio académico português, mas que, ao longo destes últimos trinta anos, se tem vindo a desenvolver a bom ritmo e a formar os seus doutores, civis e militares, a começar pela Professora Maria Carrilho, com um papel pioneiro neste domínio e, depois as Professoras Helena Carreiras e Saudade Baltazar, a que mais recentemente se vieram juntar o Doutor Jorge Cobra e, já em 2008, a Professora Maria de Lurdes Fonseca e o Doutor David Rosado – para não referir os vários mestrados e outros estudos produzidos na área. Quis o acaso que o autor destas linhas orientasse vários de entre estes⁴⁸, bem como os dois últimos doutoramentos citados, defendidos com grande brilho pelos respectivos autores. Se o de Lurdes Fonseca se concentra na Sociologia da Profissão Militar, acrescentando assim ao espólio lusitano, a tese de David Rosado é a primeira, em Sociologia, a tratar de uma organização de ensino militar portuguesa e dos contextos sociais e políticos que lhe foram redefinindo a missão sem, todavia, lhe alterarem o espírito fundador, o que só pode acrescentar ao mérito pioneiro da investigação.

É-me muito grato lembrar que essa investigação foi co-orientada, na Universidade de Évora (que conferiu o grau), pela Professora Saudade Baltazar, com um empenhamento que honra a academia, tanto no apoio ao então candidato como no desenvolvimento dos árduos trabalhos que desfecharam numa tese de 1600 páginas, aprovada em provas públicas, com a máxima classificação e perante uma assistência invulgarmente numerosa, testemunho da consideração e solidária amizade que David Rosado suscita nos círculos em que se move.

⁴⁸ Entre os quais não quero deixar de referir o escrupuloso e excelente estudo do Professor António Ribeiro dos Santos, sobre “A Pedagogia das Elites Militares”, originalmente escrito no âmbito do Mestrado em Ciência Política do ISCSP e publicado na revista *Estudos Políticos e Sociais*, do Instituto.

6.

O leitor não encontrará no presente volume a reprodução integral do texto do doutoramento, designadamente no que respeita ao aparelho teórico e metodológico e às partes mais técnicas da redacção original. Achará, isso sim, uma monografia sociográfica sobre o Instituto Militar dos Pupilos do Exército, escrita com uma simplicidade e clareza que põem o tema ao alcance do público a que o livro se destina e que não escondem a paixão que o Autor dedica à *alma mater* da sua primeira formação académica.

Deve dizer-se que essa paixão estava presente no estudo sujeito a provas, o que suscitou comentário especial por parte dos arguentes, por não pertencer aos cânones do que passa por ser a fria objectividade académica. Faz parte daquilo a que se tem chamado, com foros de novidade, a *equação pessoal* do Autor. Ora o que parece ser geralmente esquecido é que *equação pessoal* não é um termo novo, nem oriundo das ciências sociais: vem da astronomia e do início do século XIX, século em que já se acha ocasionalmente na Sociologia e Psicologia, tendo sido originalmente cunhado para dar conta das discrepâncias entre astrónomos que observavam os mesmos astros em condições equiparáveis – chegando, apesar disso, a resultados diferentes entre si, o que pareceria impossível em tão exactas medições⁴⁹... A observação sociológica é ainda mais permeável aos efeitos das *equações pessoais* dos seus praticantes do que a astronomia ou outras ciências ditas “exactas”, recomendando-se mesmo que os sociólogos as explicitem, para que os pares e os leitores em geral, possam tomar em

⁴⁹ Cf., p. e., para uma exposição invulgarmente precisa e clara sobre a “Lei dos Erros”, e que refere a *equação pessoal* em astronomia, Louis Menand – *The Metaphysical Club* (London: Flamingo, 2002 [orig.: 2001]), pp. 177-200, e p. 183.

conta o *sentido dos desvios* a que tais *equações* podem levar. Ora, da *equação pessoal* de David Rosado faz parte o fundo amor que dedica à sua antiga Escola, o qual, em vez de a perturbar, ilumina a objectividade com que a trata, como acontece com todos os sentimentos nobres – o que, aliás, o júri não teve dificuldade em reconhecer. Acontecerá o mesmo ao leitor, estou certo, que também saberá apreciá-lo.

O Instituto Militar dos Pupilos do Exército é, à luz da longuíssima história a que acima se aludiu, um exemplo recente de formalização do ensino castrense, mas é também um exemplo quase secular, gerador de percepções e tradições que só o tempo sabe engendrar e transmitir. O Doutor David Rosado traz a marca da funda dedicação, da perfeita lealdade, do amor, que é o timbre de um grande Aluno, mas que só uma verdadeira Escola é capaz de produzir⁵⁰: os sentimentos de David Rosado exprimem-se no que pensa, no que faz, e no que faz dizendo – o caso do seu doutoramento – sempre com a discrição própria das grandes afeições. Por outro lado, o nosso autor atribui, na tese, como neste livro, grande valor ao código de conduta que a Escola (e também certamente a outra formação, familiar, militar, a do pensamento sobre a vida) lhe instilou, o que seria em si mesmo bom; mas que se torna decisivo, quando é praticado em situações difíceis e com estoicismo exemplar. Lembro-me, como se fosse hoje, porque muito me doeu (pela universidade e por ele), de uma grave injustiça relativa de que David Rosado foi alvo, em sede académica, e que eu próprio testemunhei – tal como testemunhei a reacção do lesado: suportou-a, aparentemente impávido; jamais me falou do caso; não o vi guardar rancores por ninguém. Terá entendido (e bem) que não se tratava de uma injustiça deliberada e soube viver com

⁵⁰ O que se reflecte no *Boletim da Associação dos Pupilos do Exército*, como se pode ver no N.º 209, Abril-Junho de 2008, que também inclui uma intervenção (pp. 38-44) de David Rosado, Vice-Presidente da Associação, e uma tocante e generosa peça sobre o “Doutoramento de David Pascoal Rosado” (p. 56), assinada por David Sequerra que, como se depreende do texto, assistiu ao acto.

ela, apesar dos prejuízos (também morais) que sofreu. É esta a primeira vez que falo do assunto e se o faço é porque os códigos de conduta que David Rosado, nessa circunstância crítica, tão bem soube observar, constituem pedra de toque de qualquer das Grandes Profissões, em que a académica e a militar se incluem, desde a Idade Média, com a Medicina, o Direito e o Sacerdócio. Ora, as instituições militares de ensino fazem convergir no seu seio, por sua própria natureza, o código académico e o código militar, que têm muito de comum entre si, porque ambos envolvem, potencialmente, máximo poder e máxima responsabilidade, tal como acontece nas outras Grandes Profissões.

Mesmo quando estudada no âmbito da Sociologia das Organizações, a Instituição Militar não pode ser pensada como qualquer outra, por vários motivos. Um exemplo bastará: quando se pede a alguém que “dê tudo pela empresa”, não se lhe está a pedir que, no limite, dê a vida também. Mas, como a História tem mostrado, essa exigência está presente, em casos extremos, em todas as Grandes Profissões, e muito em particular na profissão militar, onde se ensina, com Horácio, que *dulce et decorum est pro patria mori*. Em suma, a Instituição Militar, no limite, pede o martírio (que é dizer, o supremo testemunho), representa-o como doce e honroso, e a sociedade celebra-o e sanciona-o, quando ocorre, porque é em sua defesa e por amor dela que se cumpre – quando é cumprido. Neste extremo, a Instituição Militar é herdeira do sentido de serviço e dos valores aristocráticos tradicionais: se a aristocracia de sangue produziu o código e forneceu oficialato praticante, esse código, se cultivado e praticado, produz hoje aristocratas de acto e sentimento. Apesar de os Pupilos do Exército terem nascido como escola republicana e profissionalizante, não foi outro o espírito que a fundou: “a ideia maior, escreve David Rosado, reside em procurar

valorizar os alunos pelo seu estudo e comportamento, para que se cumpra uma das máximas do Fundador: «*que é absolutamente indispensável ser superior: superior pelo carácter, pelo coração, pelo espírito, pela educação e pela instrução*»”.

Esse espírito de serviço, elevação e sacrifício estende-se a outras esferas da vida. David Rosado é um exemplo de disciplina e da disciplina que a si próprio se impôs. Fez o seu mestrado e, agora, o doutoramento, dentro dos prazos estabelecidos, forçando-se a conciliar um pesado esforço académico com os encargos e deveres que decorrem de ser um jovem oficial de carreira – para não mencionar os imperativos e tribulações da vida pessoal e familiar. Fê-lo com serenidade e com exemplar correcção, académica e pessoal. Um dos resultados é este livro, que, independentemente da investigação que o sustenta, respira facilmente na clareza da prosa e no fluir da história de uma Escola à qual um antigo aluno regressa, para a suprema homenagem do estudo e da memória.

Convida-se o leitor a acompanhá-lo nessa viagem pelo tempo, pelas conjunturas, pelo quotidiano, pelas mudanças, pelos episódios, pelos usos e costumes, pelo simbólico, pelos exemplos – viagem que contentaria o próprio Heraclito, por ver mais um caso em que, afinal, “tudo permanece pela mudança”. No *essencial*, como é de ver.

João Bettencourt da Câmara
ISCSP, Outubro de 2008.

